

## CHINA OUT OF THE BOX II

Sílvia Helena de Arruda Campos\*

\* Bacharelado pelo Instituto de Biociências da USP. Licenciaturas curta e plena através da Faculdade de Educação da USP. Professora de Ciências e Biologia. E-mail: shmac59@yahoo.com

O Natal na China é azul. E surpreendentemente diferente de um ano para o outro.

Quando chegamos aqui, algumas brasileiras “veteranas” contaram que, até poucos anos atrás, só era permitido entrar em igrejas, sinagogas, mesquitas ou outros templos para participar dos cultos, incluindo os relacionados às celebrações natalinas, mediante a apresentação de passaporte no portão, invariavelmente trancado se não estivesse acontecendo alguma atividade. Religião era para estrangeiro, e vigiada pelo governo.

A partir dos anos 1990, com a implementação da “política de gradual liberação de credo religioso”, os chineses estão, aos poucos, voltando a frequentar seus templos de preferência e expor abertamente sua religião. Um grande número de chineses hoje se declara budista, embora a maioria ainda seja atea. Mesmo os budistas pouco seguem os rituais e sabem apenas o básico sobre essa religião. Embora não haja dados oficiais e nem consensuais, estima-se que 2 milhões de chineses sejam cristãos.

Durante o duro período da Revolução Cultural Chinesa (1966 – 1976), a imensa maioria dos templos não taoístas foi fechada, destruída ou passou a ser utilizada para outros fins. Há pouco tempo visitei uma igreja que escapou da demolição e foi usada, por muitos anos, como depósito de material confiscado da população (e não destruído, como a maior parte das relíquias e outros objetos, alguns bem simples, de uso corriqueiro e diário), por ser considerado antirrevolucionário. Muitos templos chineses antigos, inclusive budistas, continuaram abertos, mas passaram a funcionar como centros comunitários onde as populações próximas se reuniam.

Perto de casa há um pequeno templo taoísta, chamado She Zhuang Miao<sup>1</sup>, que, apesar de simples, é bem bonito. Sempre vou lá de bicicleta. Um pouco antes da entrada principal há uma placa, em mandarim e inglês, contando a história do local:

*“Ele foi construído no final da Dinastia Ming, no século XVII, em homenagem a um homem chamado Jin San<sup>2</sup>, que era o oficial responsável pelo celeiro de sua vila, numa região agrícola. Num determinado ano, em meio a uma seca severa que provocou fome e morte em massa, por todo o país, ordenaram-lhe que levasse todos os grãos que lá estavam estocados para o Celeiro Imperial. Quando ele estava transportando os grãos em barcos pelo rio, os lavradores e suas famílias se aglomeraram às margens para observarem seus grãos irem embora. Ao ver seu sofrimento, Jin San parou os barcos e distribuiu os grãos para a população faminta, o que fez dele um herói local. A pena por tal insubordinação era a morte. Porém, antes que a Corte Imperial realizasse o inquérito sobre o desaparecimento dos grãos, Jin San cometeu suicídio e evitou que os outros que o ajudaram fossem implicados e condenados. O templo foi construído pela população desse lugar em homenagem a sua compaixão e bravura e, desde então, incenso é queimado em reconhecimento e como pedido de prosperidade.” (tradução e adaptação livre do texto em inglês).*

Esse templo foi reformado, recuperado e reconstruído várias vezes. A última delas ocorreu em 1992, pois havia sido queimado internamente durante os anos dos “Quatro Velhos”, referência ao slogan básico da Revolução Cultural<sup>3</sup>. Nada mais é original, porém ele mantém uma atmosfera que nos remete ao passado. Ao entrar nele, parece que viajamos no tempo e encontramos a China antiga. O ambiente é calmo, sereno, quieto, contrastando com o ritmo frenético e a constante transformação da cidade ao seu redor.

A gigantesca área no centro da qual She Zhuang Miao se localiza, um quarteirão de aproximadamente um quilômetro de lado, era parte da então zona rural. A vila ao seu redor, composta de inúmeros pequenos prédios, foi construída durante os anos iniciais do governo popular. Como milhares de outras vilas semelhantes espalhadas por todo o país, os prédios

---

<sup>1</sup> Miao significa templo; em chinês simplificado 寺庙 ou apenas 庙. She Zhuang (社庄庙) significa vila pequena. É o nome popular que foi dado ao templo dessa antiga pequena vila agrícola.

<sup>2</sup> Os nomes chineses começam sempre pelo da família, sobrenome, e normalmente é o do pai, mas há exceções. Depois vem o nome próprio, que pode ser simples, duplo e até mesmo triplo. No caso de Jin San, Jin é o sobrenome da família de seu pai. Ele tinha apenas um nome próprio, San.

<sup>3</sup> O slogan básico era: “Destruir os Quatro Velhos e Estabelecer os quatro Novos”. Os Quatro Velhos ou Quatro Coisas Velhas (Si Jiu, em chinês simplificado 四旧) diziam respeito aos velhos costumes, velha cultura, velhos hábitos e velhas ideias, classificados como antiproletários e ligados à burguesia e ao feudalismo. Um dos objetivos declarados da Revolução Cultural foi destruir os Quatro Velhos. A campanha começou oficialmente em Pequim, em agosto de 1966, logo após o lançamento da Revolução Cultural.

tinham 4 ou 5 andares, não havia elevador ou qualquer comodidade. Os apartamentos eram pequenos, não mais do que 20 ou 25m<sup>2</sup> e invariavelmente ocupados por grande número de pessoas, combinando pais, tios, avós, filhos, primos etc.; muitas vezes as cozinhas e banheiros eram externos e comunitários, servindo a cinco famílias. Havia agricultura de subsistência e criação de peixes entre os edifícios, atividades essas também comunitárias, e o excedente era vendido em pequenas vendas próximas.

Por terem permanecido muitos anos vivendo nessas “comunidades”, os vizinhos tornaram-se extremamente unidos. Nesse caso, mulheres e homens se reuniam no pátio interno do templo para juntos fazerem diversas tarefas comunitárias. Também se conversava e jogava-se “mahjong”<sup>4</sup>. Cuidava-se das imagens, acendia-se incenso, mantinha-se a organização e limpeza, mas havia pouca atividade religiosa.

Em pouco mais de seis anos tudo veio abaixo e os moradores, muitos descendentes diretos da comunidade original, dispersos. Os que eram proprietários dos imóveis receberam indenização; os que não eram, foram intimados a simplesmente mudar. As intimações para desocupação dos apartamentos e possíveis pagamentos de indenização seguiam à risca o cronograma dos trabalhos de demolição e limpeza da área. Houve pouquíssima resistência. O governo de Shanghai considerou o quarteirão valiosíssimo para o desenvolvimento, pois está na região mais nobre de Pudong, Jin Qiao<sup>5</sup>, onde serão construídos um moderno e sofisticado centro de comércio e condomínios de luxo. Porém, ironicamente, decidiu-se pela preservação do templo como “tributo à proteção das pessoas comuns”.

She Zhuang Miao continua lá, em meio ao lixo do desmonte. Teme-se que seja derrubado num futuro próximo, dependendo das avaliações governamentais. Ainda há algumas senhoras e poucos senhores, provavelmente antigos moradores, que continuam frequentando o templo pelas manhãs e se reunindo como no passado; cada vez menos, é claro. Isto talvez seja uma tentativa de

---

<sup>4</sup> Mahjong, nome ocidentalizado para Ma Jiang ou Ma Jiang Pai, onde Pai significa pedra, é um jogo de mesa para quatro jogadores de origem chinesa. É composto de 144 peças, chamadas comumente de “pedras”. Cada jogador participa de maneira individual e o objetivo é fazer conjunto de pedras, como uma sequência de três pedras do mesmo naipe, três ou quatro pedras iguais e outras combinações. É muito fácil jogar mahjong, em três ou quatro partidas se aprende as regras básicas. O jogo é extremamente popular, não só na China, como em toda a Ásia.

<sup>5</sup> Sobre a região de Pudong e Jin Qiao, ver ensaio “China Out of The Box I”, Revista de Estudos Universitários, Sorocaba, SP, v. 38, n. 2, 2012.

mantê-lo em pé, ou talvez porque sintam que ele é uma das poucas referências seguras de um tempo, não muito distante, quando existia uma China que conheciam bem e sabiam como viver nela. Mas o fato é que o país mudou completamente em pouco mais de 25 anos, e as antigas gerações não se reconhecem mais nele, apesar de terem participado ativamente e se sacrificado pela “construção” dos quatro novos<sup>6</sup>.

É difícil saber exatamente o quão antiga uma construção em Shanghai é de fato, pois muito foi reconstruído ou já construído, a partir da década de 1990, para se parecer com o estilo arquitetônico clássico e tradicional, principalmente das duas últimas dinastias (Ming, 1368 – 1644; Qing, 1644 - 1912).

Esse é exatamente o caso da “Old Town” (Cidade Velha), uma área que até hoje mantém seu traçado original circular, bem próxima ao rio Huangpu, a sudoeste do Bund<sup>7</sup>. É chamada popularmente de Lao Cheng Huang, em referência ao Templo do Deus da Cidade (Cheng Huang Miao, em pinyin)<sup>8</sup>, localizado no centro da mesma. Old Town, Lao Cheng Huang ou ainda oficialmente chamada distrito de Nanshi<sup>9</sup> é uma tradicional região de comércio popular e centro turístico, com centenas de lojas onde você pode encontrar literalmente de tudo, inclusive decoração de Natal.

Shanghai começou a se desenvolver entre os séculos V e VII, inicialmente como uma vila de pescadores. No século XII havia se transformado numa pequena cidade de comércio ou grande bazar. Ela foi completamente murada em 1553 para que pudesse se defender e repelir os ataques dos piratas japoneses (Wokou)<sup>10</sup>, devido à importância econômica que havia adquirido para a dinastia Ming. Esse assentamento, mais as docas próximas em ambos os lados do rio Huangpu

---

<sup>6</sup> Em oposição à destruição dos Quatro Velhos, o slogan básico da Revolução Cultural falava em construir, estabelecer e cultivar os Quatro Novos.

<sup>7</sup> Sobre o rio Huangpu (黃埔), que corta Shanghai e divide a cidade em duas partes, ver ensaio “China Out of The Box I”, Revista de Estudos Universitários, Sorocaba, SP, v. 38, n. 2, 2012.

<sup>8</sup> Cheng Huang Miao, significa Templo do Deus da Cidade. Em chinês simplificado 城隍廟

<sup>9</sup> Nanshi significa cidade do sul (南市). É o nome oficial da região que é o Centro Histórico de Shanghai. Old Town (em inglês, como é conhecido entre os estrangeiros) ou Lao Cheng Huang são denominações populares para a área

<sup>10</sup> Wokou (倭寇) significa piratas anões ou piratas japoneses, que invadiram as costas da China e Coreia. Os wokou vieram de uma mistura de etnias, mas a maioria dos wokou que assombravam a China durante a dinastia Ming eram, na verdade, chineses

(que não existem mais), é considerado o núcleo histórico de Shanghai, a Cidade Velha. A cidade cresceu e se urbanizou ao redor desse núcleo.

Além do traçado de ruas estreitas e sinuosas, com algumas casas com pouco mais de 100 anos, pouquíssimas construções históricas restaram na área. A área inteira foi reconstruída e reformada para se parecer com as construções originais, uma vila pitoresca do período Ming.

Da muralha de quase 5 km resta apenas um pedaço de 50 metros de difícil localização. Ela foi totalmente desmantelada em 1912, pelo, então, governador de Shanghai, com a queda da dinastia Qing. Perto dele, existe uma exposição permanente sobre o dia a dia dos habitantes no período em que foi erguida.

Independentemente do tamanho, muitas cidades muradas na China antiga tinham um templo dedicado a um ou mais deuses ou espíritos imortais, com o intuito de proteção. No caso da velha Shanghai, era o Templo do Deus Jinshan, dedicado ao espírito de Jinshan ou “Montanha de Ouro”, uma ilha ao largo na costa da cidade. Em 1403, ele foi convertido a Templo do Deus da Cidade. Durante a dinastia Qing, tornou-se extremamente popular e era muito frequentado. O comércio ao redor se expandiu bastante. Porém, em 1951, logo após o início da República Popular da China, o templo passou ao controle da Associação Taoísta de Shanghai, que o transformou num centro voltado ao desenvolvimento e difusão dessa filosofia. Foram feitas diversas reformas e modificações no complexo, como a remoção de estátuas importantes que representavam algumas personalidades folclóricas importantes na história da cidade. Durante a Revolução Cultural ele foi fechado e usado para outros propósitos. Somente em 1994 é que ele retomou seu último uso, com sacerdotes taoístas residentes. Recentemente ele passou por uma restauração completa, sendo o local de adoração reaberto e o templo reconsagrado por monges taoístas.

O templo se conecta com o Jardim YuYuan<sup>11</sup>, outro ponto histórico na Cidade Velha. O jardim foi finalizado em 1577 e concebido para ser um local agradável, capaz de despertar paz, tranquilidade e satisfação para seus frequentadores. Ao longo de seus mais de 400 anos de existência, ele também passou por inúmeras transformações e restaurações. Vários pavilhões e outras construções, como pontes, corredores cobertos, lagos, muros de rochas, pequenos pátios,

---

<sup>11</sup> Yu, em chinês simplificado 于, significa agradar e satisfazer

salões, etc., foram incorporados ao projeto, sem que o templo perdesse suas características originais.

O que sinto, quando vou ao She Zhuang Temple, é que tudo na “Old Town” me parece estranho, como se faltasse alguma coisa. A atmosfera é diferente, fria, distante. O jardim, embora lindo, não traz a serenidade esperada em sua concepção. O mesmo ocorre com o templo. Em volta o comércio é agressivo, cheio de gente fazendo compras, inclusive de outras partes da China (nossa Rua 25 de Março e arredores); e turistas por todos os lados, movimento, congestionamentos e um barulho infernal.

A China é um país com história e cultura milenares. A primeira dinastia formalmente constituída e descrita pela historiografia tradicional chinesa, a Dinastia Xia, durou de 2070(?) a.C. a 1600 (?) a.C.. Os lendários Três Augustos e os Cinco Imperadores são colocados como antecessores dessa. Até 1912, houve ao menos 15 dinastias unificadas, intercaladas por períodos caracterizados por apresentarem reinos independentes e poder descentralizado, normalmente, marcados por guerras civis exaustivas, invasões de povos nômades, anexações e alianças instáveis.

Embora não exista consenso absoluto, o ano de 221 a.C. costuma ser referido como o momento em que a China foi unificada como um grande império, embora as dimensões do mesmo tenham variado ao longo do tempo. Foi a dinastia Qin, no século III a.C., que fundou a civilização chinesa, a partir da imposição de um sistema de escrita comum. A dinastia subsequente, a Han, desenvolveu uma ideologia estatal baseada no confucionismo. As dinastias posteriores implantaram sistemas de controle burocrático, que permitiram ao imperador administrar o vasto território. As penas sempre foram rigorosas e cumpridas à risca. Como consequência, a obediência da população em relação a seus governantes, quaisquer que sejam, é quase absoluta<sup>12</sup>.

A civilização chinesa foi marcada, desde seu início, pela existência de uma forte divisão da sociedade em classes, sendo a maioria da população formada por camponeses. A aristocracia e a nobreza eram tradicionalmente letradas e donas das terras. A produção literária, caligrafia,

---

<sup>12</sup>Sobre a conduta moral dos chineses e sua obediência à hierarquia, existe o excelente livro do historiador Jonathan D. Spence (2002), que narra a trajetória do conspirador Zeng Jing na China do século XVIII

pintura, arranjos florais, cerimônia do chá e muitas outras formas de arte eram profundamente cultivadas e praticadas pela elite. A base dessas formas de expressão está não só no confucionismo (sistema ético baseado nos ensinamentos e escritos do filósofo Confúcio, que procura ensinar a todas as pessoas a maneira correta de se comportar em sociedade) e no taoísmo (visa promover a paz interior dos indivíduos e sua harmonia com o ambiente onde vivem), mas também no budismo. A dualidade Yin Yang e sua relação com a energia vital Chi permeiam tudo o que se faz na China, a exemplo do que foi explicado no primeiro ensaio<sup>13</sup>, em relação à alimentação.

A Revolução Cultural Chinesa, ou Grande Revolução Cultural Proletária, provocou um transtorno e ruptura imensos na sociedade chinesa e teve consequências devastadoras. Foi lançada em 1966 por Mao Tse Tung e seus aliados, motivada por uma luta interna pelo poder do partido. Mao estava muito enfraquecido dentro do governo devido ao fracasso de seu plano econômico (Grande Salto Adiante – 1958/1960), que levou a produção agrícola ao quase-colapso e cuja consequência foi a fome generalizada, o que provocou a morte de milhões de chineses no início da década de 1960. Liu Shaoqi e Deng Xiaoping tiveram sucesso na superação da crise e começaram a desafiar o poder e autoridade de Mao.

Mao apoiou incondicionalmente a política de destruição dos Quatro Velhos, desenvolvida e implementada por sua esposa (Jian Qiang) e outros três dirigentes, conhecidos como a “Camarilha dos Quatro”. Usando a ideia da revolução como fachada, afirmava também a necessidade de promover uma limpeza (expurgos) nos quadros político, econômico, organizacional e ideológico da República<sup>14</sup>. Apoiava-se, sem precedente aprovação popular um culto à personalidade. Ele era considerado a “fonte de todas as alegrias e conquistas do povo chinês”.

---

<sup>13</sup> Ensaio “China Out of The Box I”, Revista de Estudos Universitários, Sorocaba, SP, v. 38, n. 2, 2012.

<sup>14</sup> O livro “A Construção de Madame Mao” (MIN, 2002), é uma biografia romanceada de Jian Qiang, ou madame Mao, conhecida como o “demônio de ossos brancos”. Sua trajetória pessoal confunde-se com a história da China no século passado, desde a guerra civil, que culminou na implantação da República Popular, passando pela Revolução Cultural, projeto pessoal seu, e terminando com sua prisão após a morte de Mao, acusada de ser responsável principalmente pelos excessos praticados pela Guarda Vermelha e estudantes. É um livro estarrecedor e esclarecedor sobre o período.

O que estava por trás do slogan “Quatro Velhos” era acabar com toda a exploração de classes, baseada no feudalismo e burguesia resultante das velhas ideias, velha cultura, velhos costumes e velhos hábitos. A história da vida diária das pessoas, passada de geração a geração, incluindo a necessidade dos festivais, cerimônias (casamento, funerais entre outros), entretenimento, era considerada vulgar, subcultura. Pretendia-se reformar tudo o que não se adaptasse à nova economia popular, remover todos os obstáculos de uma história de milhares de anos. Na visão ideológica da revolução, o legado sociocultural dos ancestrais era decadente e reacionário.

Os expurgos de dirigentes e membros do partido e intelectuais acusados de ideias pró-ocidentais foram, de início, conduzidos pela Guarda Vermelha. Essa foi ampliando sua autoridade e acentuando tais ações, que passaram a ser acompanhados de rituais de humilhação pública e, muitas vezes, culminaram em linchamentos a partir das multidões de espectadores. O fanatismo cresceu e os estudantes se juntaram aos “vermelhos” (como era denominado popularmente esse exército), expressando em ações cada vez mais radicais e violentas a ideologia de destruir o velho e implantar o novo.

A situação fugiu do controle. A Guarda Vermelha e os estudantes passaram a destruir e incinerar qualquer coisa que remetesse ao passado: monumentos, templos, estátuas, pinturas e coleções de arte, as mais variadas relíquias e peças arqueológicas, cerâmicas, livros e livros raros, obras de caligrafia, entre inúmeros outros. Hoje, o melhor e mais representativo acervo de artefatos antigos e de obras de arte chineses está no Museu de Taiwan, na cidade de Taipei (National Palace Museum, que é o museu nacional da República da China, como se proclama o governo de Taiwan ou Formosa).

Em 1969, diante dos escandalosos excessos, a Guarda Vermelha foi destituída e seus dirigentes afastados, mas a Revolução Cultural somente terminou de fato em 1976, com a morte de Mao.

Atividades rotineiras como pintura e caligrafia, arranjos florais, cerimônias de chá e incenso, artesanato, cuidados com beleza, utilização de adereços (além do uso das roupas tradicionais), composição e execução de música (com exceção de ópera, Madame Mao era fanática por essa forma de arte) eram mal vistas e foram informalmente proibidas. O uso das

cores tradicionais desapareceu, dando lugar ao azul e ao verde desbotados dos uniformes adotados a partir do período. A devoção à atividade religiosa foi banida e monges e monjas budistas voltaram à força à atividade secular.

O resultado de muitos expurgos, que já ocorriam desde o final da década de 1950, era, além da expropriação de todos os bens, o banimento do condenado e sua família para o campo, a fim de serem “reeducados” a partir do trabalho pesado nas fábricas e fazendas coletivas<sup>15</sup>. Para escaparem dos mesmos expurgos, promovidos cada vez mais violentamente pelos “vermelhos”, muitos dirigentes e membros do partido e intelectuais passaram a se envolver com algum tipo de atividade revolucionária, embora tal envolvimento significasse apenas a garantia de um pouco de segurança, não afastando de vez a possibilidade.

A população, por sua vez, passou a comportar-se de maneira “correta” e com extrema cautela em sua vida diária, resignando-se ao extremo controle governamental sobre sua vida pessoal. Ainda hoje, 2013, observa-se esse controle, embora não mais tão rígido. Ele está presente principalmente em relação às informações disponibilizadas e ao controle da opinião pública. O chinês repete *ipsis litteris* à posição de seus dirigentes em relação a qualquer assunto envolvendo a imagem de perfeição e eficiência do país, governo à frente.

Voltando às consequências da revolução, tive a rara oportunidade de entrevistar um dos três filhos do pintor/sapateiro Ren Weiyin (1918 – 1994).

Eu estava passeando na região de Tai Kan Lu<sup>16</sup>, uma renovada área residencial, cheia de lojas, cafés e restaurantes, ateliês e estúdios de arte e música, quando por acaso me deparei com

<sup>15</sup> Sobre o envio de famílias inteiras ou alguns de seus membros para o campo a fim de serem reeducados a partir do trabalho forçado em fazendas comunitárias, há o delicioso e excelente livro “Balzac e a Costureirinha Chinesa” (SIJIE, 2007). Numa época em que as universidades foram fechadas, milhares de estudantes foram mandados para o campo. Embora fale sobre a descoberta dos livros e do prazer pela literatura, o pano de fundo é a Revolução Cultural

<sup>16</sup> Na verdade, a região é chamada de Tianzifang (田子坊), uma área residencial renovada no bairro da antiga Concessão Francesa, em Shanghai. Ela é composta por inúmeras vielas estreitas e labirínticas, que se abrem para dentro do quarteirão a partir de Taikan Lu (Lu significa rua, 路). A área tornou-se um ponto turístico por suas lojas de artesanato, cerâmica, ateliês de moda, cafés, bares, restaurantes, galerias de arte e fotografia, mercados etc. Atualmente há um novo shopping bem na frente, com uma estação de metro recém inaugurada. A área também é um exemplo de preservação da arquitetura local, Shikumen (ou Portão de Armazém de Pedra – 石库门). A arquitetura Shikumen é um estilo tradicional xangainês, que combina elementos ocidentais e chineses, tendo aparecido pela primeira vez em 1860

uma galeria de arte e entrei para ver a exposição permanente. O Sr. Ren foi, segundo a descrição que se encontra num painel à entrada,

*“um dos mais importantes pintores chineses do século XX, porém negligenciado por longo período. Nos anos 1950, em Shanghai, ele tinha um dos mais proeminentes estúdios de pintura, com muitos alunos. Em 1961, sua escola foi forçosamente fechada e o Sr. Ren e sua família enviados para Yinma Farm, um campo de trabalhos forçados na província de Gansu. Após 9 meses de tratamento debilitante, a família conseguiu retornar a Shanghai, passando a viver num pequeno quarto de concreto, sem banheiro ou cozinha. O Sr. Ren foi proibido de pintar e forçado a sustentar sua família reformando sapatos por 17 anos.”* (tradução e adaptação livre do texto em inglês).

Porém ele continuou a pintar clandestinamente, e desenvolveu um estilo próprio, misturando o Impressionismo ocidental com métodos tradicionais chineses, como a técnica de ondulação característica da caligrafia, retratando a vida em Shanghai nos anos 60 e 70. Meu entrevistado explicou que, graças à atuação de sua mãe, seu pai pode continuar pintando e evoluindo como artista. Era ela que, arriscando-se, entrava em contato com alguns de seus ex-alunos e conseguia um pouco de pigmentos, algumas vezes também terebintina. Normalmente os pigmentos eram diluídos em óleo comum, e foi exatamente a grande diluição que permitiu o livre movimento dos pincéis, fundamental para a tradicional pintura e caligrafia chinesas.

Eu achava que, pelo fato de seu pai ter sido um intelectual e passado a vida envolvido num intenso processo criativo (além de pintar, ele escrevia poemas e livros), mesmo que suas atividades originais tivessem sido banidas e condenadas como antirrevolucionárias, de alguma maneira o convívio houvesse influenciado meu entrevistado. Afinal de contas, ele montou sua galeria numa das regiões mais caras e badaladas da cidade, não obtém qualquer retorno financeiro, ao contrário, a manutenção do local e funcionários acarreta em volumosos gastos mensais. Quando perguntei sobre isso, para minha surpresa a resposta foi: *“meu pai era uma pessoa de difícil trato, que se importava pouco com sua família e só tinha olhos para sua pintura, pela qual nos sacrificou muito além das já difíceis circunstâncias em que vivíamos.”*

Resolvi, então, perguntar pela mãe já que, conforme seu relato foi a responsável por seu pai ter conseguido continuar a pintar. E também foi ela que escondeu e protegeu toda sua produção, salvando-a da destruição. Nova surpresa – nenhum afeto ou admiração por ela e sua coragem em arriscar-se pela pintura do esposo. *“Minha mãe não gostava de mim, achava que eu*

era um peso morto”. Nova dúvida e espanto de minha parte. A história relatada para justificar tal afirmação foi:

*“tínhamos quase nada para comer. Eu e meus irmãos erámos obrigados a dividir o pouco alimento que minha mãe conseguia, pois meu pai estava sempre envolvido ou com seu trabalho ou pintando e não tinha tempo para cuidar de sua família. Minha mãe conhecia um casal sem filhos e queria me vender para eles. Quando perguntei sobre o porquê de tal decisão, ela disse – ‘uma boca a menos para alimentar’. Suplicando a ela que me deixasse ficar, prometi que, a partir daquele momento, não comeria mais.”*

No final, continuaram todos juntos, mas o ressentimento, a amargura e a raiva permanecem, estando vivos em sua fala e atitudes. Foi quando percebi que meu entrevistado de fato não come. Estava em sua casa, nossa conversa havia se estendido para muito além da hora combinada e ele pediu comida, muita comida, para apenas duas pessoas. Ele mal beliscou. Quando mencionei o fato, ele se mostrou constrangido e mudou de assunto, voltando a falar da galeria. Explicou que a maioria das pessoas considera sua atitude nobre, um grande tributo à memória de seu pai, mas que ele não sente assim, seus objetivos são outros, embora não tenha explicado quais sejam. Tive a sensação de que, ao montar a galeria, ele espera ter o nome de seu pai recuperado e sua pintura valorizada, pois somente os três irmãos têm a posse do acervo.

Sai de lá muito impressionada com o relato. Comentei com a única chinesa que se dispõe a falar comigo francamente sobre o passado recente. Mais uma surpresa – foi o dia delas. Minha amiga contou que o mesmo quase aconteceu com ela. Sua família passava por situação muito semelhante, mas eram mais filhos. Sua mãe também pensou em vendê-la; um tio conseguiu reverter o quadro. Ao contrário de meu entrevistado, minha amiga diz que entende sua mãe. Para ela, o grande amor de uma mãe pelos filhos significa, em condições extremas, como pelas quais passavam os chineses no início da década de 1960, adotar atitudes radicais para garantir a sobrevivência dos mesmos. Minha amiga afirmou ainda que ela, hoje mãe, se necessário faria o mesmo por seu filho. Meu entrevistado decidiu que nunca teria filhos e critica duramente os irmãos, que mimam os seus.

Há milhares de histórias como essas. Os livros de dissidentes publicados no exterior são cada vez mais numerosos. Entre eles, sugiro a leitura do arrasador “Testemunhas da China: Vozes de uma Geração Silenciosa” (2009), da jornalista, radialista e escritora chinesa Xinran

Xue, nascida em Beijing<sup>17</sup> em 1958. Ela trabalhou em Nanjing<sup>18</sup> até 1997, quando não pode mais publicar no país seus relatos. Mudou-se para Londres sozinha e um ano depois levou seu filho Pan Pan. Casou-se com um inglês e hoje leciona na School of Oriental and African Studies, da Universidade de Londres. Ela escreveu vários livros sobre a China, através dos quais tenta ampliar a compreensão de seu país pelos ocidentais. Nesse livro em particular, ela reuniu diversos relatos de homens e mulheres comuns, todos acima dos 70 anos, das mais diversas regiões e estratos sociais, que sobreviveram à miséria e à fome, à invasão japonesa e às Revoluções - a Popular e a Cultural-, ao Grande Salto Adiante, que sofreram perseguições e humilhações, tentando esclarecer o surgimento e a formação da China contemporânea. Trata-se de um retrato contundente, sensível e profundo de uma geração que quase nunca fala de seu passado, inclusive para seus próprios filhos e netos, pois tem medo de retaliações e novas perseguições, talvez até por vergonha ou por não querer reviver momentos de extrema dor. A história pessoal de Xinran é muito parecida com a dos relatos que coletou<sup>19</sup>. A partir de 1990, depois dos protestos na Praça da Paz Celestial em Beijing, o governo foi, aos poucos (coincidentalmente ou como resultado direto dos incidentes), afrouxando o controle rigoroso sobre a vida pessoal de seus cidadãos, com a implantação gradual de uma política de liberdade “restrita”. Velhos costumes e tradições voltaram a fazer parte do dia a dia, embora muitos jovens abaixo dos 40 anos desconheçam a origem, história e significado da maioria deles.

Ao longo desses anos em que vivemos aqui, os festivais passaram a ser cada vez mais celebrados, como o Dia dos Mortos (Qing Ming Jie – nesse ano comemorado em 05 de abril), Festival da Lua ou Festival do Meio Outono (Zhongqiu Jie – ocorre 2 dias antes da lua ficar completamente cheia, e marca o início das colheitas do outono), Festival do Barco do Dragão (Duanwu Jie – marcando o solstício de verão), Ano Novo Chinês e Festival das Lanternas (Yuan Xiao, que fecha as comemorações do Ano Novo, 15 dias após o mesmo, marcando também a

---

<sup>17</sup> Beijing (北京) significa Capital do Norte

<sup>18</sup> Nanjing (南京) significa Capital do Sul. Ela é a capital da província de Jiangsu, no leste da China, e tem grande importância histórica e cultural, tendo sido capital do país diversas vezes

<sup>19</sup> Um outro livro bem interessante de Xinran é “O Que os Chineses não Comem” (2008). Esse livro reúne uma coletânea de crônicas suas para o jornal inglês The Guardian. Nele são abordados diversos aspectos da vida cotidiana dos chineses, seus costumes, regras de etiqueta e comportamento, como encaram o sexo e inúmeros outros assuntos. É muito bom para conhecer um pouco mais sobre esse povo tão distante de nós.

chegada da primavera). Os três últimos são os mais comemorados. O ano chinês é lunar e os festivais estão relacionados com as diferentes luas (15 ao longo do ano) e suas fases. Nos últimos 2 anos, o governo parou de alterar as datas dos feriados públicos para as celebrações de alguns desses festivais e agora eles são todos comemorados nos dias em que de fato ocorrem. Em todas as partes e moradias são colocadas decorações tradicionais nas cores da China - vermelho, amarelo e dourado -, num retorno cada vez maior dos costumes e cultura.

Por isso o Natal é azul, prateado e branco, cores diferentes das usadas nos festivais e comemorações. Embora apareçam os símbolos tradicionais (Papai Noel, renas, árvores, etc.), nas luzes e enfeites predominam as cores não chinesas, mas que representam o inverno.

Devido ao enriquecimento da população, do pouco contato e conhecimento das novas gerações a respeito de sua própria cultura e tradições, da presença cada vez maior de estrangeiros residentes, do desejo de consumo de novidades, os chineses passaram a se envolver com o Natal, adotando inclusive o uso de decoração e troca de presentes na data. Quando chegamos aqui, havia pouquíssimos lugares onde era possível comprar enfeites de Natal, apenas no Carrefour e em pouquíssimas outras lojas frequentadas basicamente por estrangeiros era possível encontrar alguma coisa. Decoração nas ruas e em locais públicos estava presente somente onde a frequência básica era de não chineses. Aos poucos a situação foi mudando e a data ficando mais evidente. Vale notar que os chineses, até a década de 1990, desconheciam o Natal e seu significado, a não ser aqueles que eram cristãos.

No Natal de 2011, devido aos reflexos internos da crise econômica mundial, de alguma forma o governo incentivou o consumo. A China se encheu de enfeites e por todos os lados havia árvores, luzes e presentes. Os chineses estavam encantados. Ouvia-se as mesmas músicas em qualquer lugar, como se houvesse sido feitas milhares de cópias de uma mesma fita e distribuídas pelo país. Consumiu-se muito, os chineses trocaram presentes, fizeram ceias e celebraram uma data que não é deles.

Já no ano passado, o novo governo, mesmo antes de assumir, fez saber que o respeito às tradições e costumes milenares é muito mais importante do que a adoção impensada de novas celebrações. O Natal chinês encolheu e por pouco não passou despercebido pela maioria da população, voltando a se restringir aos locais com grande número de estrangeiros.

A interferência do governo na vida privada de seus cidadãos está longe de acabar.

## REFERÊNCIAS

- ASIAPAC Culture. **Gateway to chinese culture**. Singapore: ASIAPAC Books PTE, 2007.
- CAMPOS, Silvia Helena de Arruda. China Out of The Box I. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 38, n. 2, 2012.
- ENCYCLOPEDIA Britannica. Disponível em:  
<<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/111803/China/71854>>. Acesso em: 27 mar. 2013
- EYEWITNESS Travel Guides. **China**. Londres: Dorling Kindersley Limited, 2005.
- FOREIGN Languages Press. **Five thousand years of chinese nation**. Beijing: Foreign Languages Press, 2007.
- GREEN, Barbara; JOHNSTON, Tess; LEAR, Ruth; ROBERTSON, Carolyn. **The streets of changing fortune, six shanghai walks**. Shanghai: Old China Hand Press, 2008.
- JRE Corporate. **Introduction to chinese culture**.
- KALTENMARK, Max. **A filosofia chinesa**. Lisboa: Edições 70.
- MIN, Anchee. **A construção de Madame Mao**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SIJIE, Dai. **Balzac e a costureirinha chinesa**. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil, 2007.
- SPENCE, Jonathan D. **Manual da traição**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- Spice Digest. **Introduction to the cultural revolution**. Spice, Stanford. Disponível em:  
<<http://iis-db.stanford.edu/docs/115/CRintro.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2013
- XUE, Xinran. **Testemunhas da China: vozes de uma geração silenciosa**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.